

# A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO DE LINGERIES NO MUNICÍPIO DE GUAPORÉ (RS): ALGUMAS EVIDÊNCIAS DO PROCESSO PRODUTIVO

Luciana Fornari<sup>1</sup>

Cleide Fátima Moretto<sup>2</sup>

## Resumo

O setor têxtil e de confecção de modo geral vêm ganhando representatividade diante dos números da economia brasileira. A indústria de confecção de lingerie, especificamente, constitui diversos arranjos produtivos nas mais variadas regiões do país, arranjos estes comumente formados por micro e pequenas empresas que atuam no mercado nacional e internacional. O estudo objetiva analisar os fatores determinantes do processo produtivo do setor de confecção de lingerie do município de Guaporé (RS). Revisa as contribuições da economia institucional para o estudo do processo produtivo. Realiza pesquisa de levantamento, por meio de amostragem probabilística, tendo como base as empresas cadastradas como confecção de lingerie no município de Guaporé. Focaliza, como categorias de análise, as características da empresa e dos gestores, o fator trabalho, o fator capital e tecnologia e o mercado, de modo a compreender o processo produtivo das mesmas. Conclui que o setor pesquisado é composto basicamente de micro e pequenas empresas familiares, sua produção não ocorre em larga escala devido ao tamanho da indústria, à terceirização como forma de suprir a falta de mão-de-obra e as mulheres são predominantes tanto na gestão como no processo produtivo.

Palavras-chave: confecção de lingerie, processo produtivo, Guaporé (RS).

SESSÃO TEMÁTICA: Estudos setoriais, cadeias produtivas, sistemas locais de produção

## 1 INTRODUÇÃO

Na busca do fortalecimento do produto nacional, o setor têxtil e de confecções tem sido responsável pelo incremento da imagem da *identidade Brasil* no mercado externo. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT, 2011), o Brasil é hoje o 7º maior parque têxtil mundial e conta com mais de 30 mil empresas formais, participando com, aproximadamente, 4,4% do PIB nacional e com faturamento anual de US\$ 33 bilhões (dados de 2006). A produção nacional é de, aproximadamente, 6,4 bilhões de peças, sendo que 99,0% do mercado brasileiro ainda é abastecido pelas empresas nacionais (ABIT 2011; IEMI, 2011). É um dos setores que mais emprega no país, aproximadamente 1,6 milhões de pessoas, sendo que 80,0% dos empregos gerados na cadeia têxtil estão centrados no segmento da confecção, apresentando, portanto, um forte impacto social. O setor de moda íntima vem ganhando espaço representativo nesta cadeia.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: luciana.fornari@bol.com.br

<sup>2</sup> Economista. Doutora em Teoria Econômica. Professora titular da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (Feac) da Universidade de Passo Fundo. E-mail: moretto@upf.br

Garcia (2008) comenta que, com o passar dos tempos, a lingerie acompanhou as mudanças de comportamento e foi se adaptando ao cotidiano e, a partir do século XIX, a lingerie se tornou símbolo de sensualidade e luxo, feita a partir de tecidos finos e elegantes. Ghidin (2008) acrescenta que ocorreu grande inovação relacionada aos tecidos e às cores a partir dessa época e a fabricação de peças passou a incorporar ousadia. A lingerie, segundo ela, passou a ser vista como fonte de lucros, diversas marcas passaram a apostar no produto e obtiveram grandes lucros.

No Brasil, atualmente, pode-se considerar a cidade de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, como sendo o pólo nacional de moda íntima. Nova Friburgo iniciou suas atividades neste ramo há muitos anos, e no passar do tempo aprimorou seus produtos e serviu de incentivo para outras regiões do país que também entraram para este setor produtivo. Além de Nova Friburgo, existem outros municípios e regiões que também possuem grande representatividade, como é o caso do município de Guaporé.

Guaporé é um município do estado Rio Grande do Sul localizado no Planalto da Serra Geral. O município tem aproximadamente 22.800 habitantes, de origem predominantemente italiana. As indústrias, com destaque para o ramo joalheiro, metal-mecânico e têxtil, são a principal fonte de riqueza do município. O município conta com aproximadamente 1.700 empresas (IBGE, 2009), deste montante, de acordo com a Secretaria de Indústria e Comércio local, 91 são indústrias de lingerie, voltadas também para a moda praia e fitness. Este mercado se desenvolveu no início da década de 1990, sendo responsável, atualmente, por grande parte de sua geração de emprego e renda, com destaque estadual, nacional e inclusive abrangendo outros países da Europa e América.

A combinação de elementos econômicos, políticos, sociais e institucionais conduz a processos dinâmicos e ao crescimento da produção, do emprego, da inovação, do progresso tecnológico e à elevação nos níveis de bem-estar de parcelas da população, a partir da expansão de micro, pequenas e médias empresas. O crescimento centra-se em um conjunto de relações criadas por atores econômicos locais, apoiados por sistemas institucionais voltados aos interesses e às necessidades das atividades desenvolvidas na região.

Nesse contexto, o artigo tem como objetivo geral analisar a estrutura e as principais características econômicas do processo produtivo nas empresas da indústria de confecção de lingeries no município de Guaporé (RS). De cunho aplicado, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, segue a orientação dedutiva, com base em uma abordagem quantitativa. As técnicas de pesquisa adotadas possuem embasamento em pesquisas

bibliográficas e em pesquisa de levantamento, por meio de dados primários, no qual foi utilizado um formulário como instrumento de pesquisa.

Com o propósito de cumprir com seus objetivos, o artigo trata da contribuição da economia institucional para o estudo do processo produtivo e contextualiza a produção de lingerie no âmbito da indústria de confecções têxtil do país. Em seguida, aborda sobre os métodos e técnicas adotados para a realização da análise dos dados e apresenta a análise dos resultados obtidos com a pesquisa aplicada. Por fim, traz as considerações finais.

## **2 A CONTRIBUIÇÃO DA ECONOMIA INSTITUCIONAL NA ANÁLISE DO PROCESSO PRODUTIVO**

A economia institucional parte do argumento desenvolvido por Williamson, segundo o qual “o ambiente institucional pode interferir significativamente nas formas pelas quais os agentes econômicos se relacionam e efetuam transações, com conseqüências sobre a estrutura e efetividade de um dado segmento” (VALLE et al., 2002, p.3).

Hall e Soskice (2001) citados por Bronzo e Honório (2005, p. 10) definem instituições como “um conjunto de regras, formais e informais, seguidas pelos atores seja por razões normativas, cognitivas ou materiais”. As organizações são consideradas, pelos mesmos autores, como “entidades estáveis compostas por membros formalmente organizados, cujas regras também contribuem para as instituições de economia capitalista” (BRONZO; HONÓRIO, 2005, p. 10). Neste contexto, as interações estratégicas da firma utilizam estratégia corporativa, o que ocasiona visão ampla a respeito do comportamento das instituições econômicas no capitalismo contemporâneo. Existem, no entanto, alguns obstáculos inerentes à formação destes arranjos institucionais, os chamados custos de transação, os quais “exigem que se sejam viabilizadas condições mínimas para que os arranjos possam gozar de eficiência e funcionalidade” (VALLE et al. 2005, p. 3).

Várias são as premissas que sustentam o desenvolvimento da economia dos custos de transação. Devido à motivação de reduzi-los surgem as firmas, que dependem das incertezas comportamentais e ambientais dos agentes, além da intensidade dos investimentos em ativos específicos. Os custos de transação avaliam qual o impacto do conhecimento das estruturas governamentais. Eles podem ser significativos a ponto de a empresa perceber vantagens em integrar todas as operações verticalmente, o que até então era obtido por meio de transações com outras empresas (WILLIAMSON, 1985; BARNEY, 1999 apud BRONZO; HONÓRIO, 2005 p.3).

Embora seja importante compreender de que forma as organizações criam e recriam vantagens competitivas a partir do controle de determinados recursos e ativos no interior dos seus limites de eficiência, é também importante considerar que a competitividade mostra-se quase sempre dependente da forma como as organizações gerenciam as suas estruturas de relacionamento interorganizacional, com repercussões nos custos de transação e nas economias de aprendizagem (BRONZO; HONÓRIO, 2005).

A nova economia institucional tem contribuído na questão de saber como as organizações absorvem inovações, como aprendem e como se adaptam à elas, adotando novas abordagens que tentam entender o funcionamento das organizações, por meio de análises contratuais – economia dos custos de transação – ou como repositórios de recursos e competência – economia evolucionista<sup>3</sup> (NOGUEIRA, 2001). Para os evolucionistas, comentam Bronzo e Honório (2005), a economia dos custos de transação representa um conjunto de teorias importantes nos estudos da firma e da estratégia organizacional, mas ainda falta ampliar o enfoque para além do aspecto contratual das transações. As correntes evolucionistas apresentam uma abordagem mais voltada para aspectos dinâmicos, fazendo com que considerem o conhecimento como o resultado da história da organização, ou de suas escolhas no sentido de adquirir determinadas competências. Trata-se, portanto, de um processo dependente do caminho percorrido e, de forma mais ampla, analisa aspectos dinâmicos da evolução das firmas (NOGUEIRA, 2001).

A linguagem evolucionista ou desenvolvimentista tem sido muito usada por economistas para descrever como a estrutura de uma economia muda ao longo do tempo, tanto indivíduos como organizações são entidades que “aprendem” (TIGRE, 2005). O mesmo autor ressalta que a teoria evolucionista se distingue da neoclássica e da teoria da organização industrial, pois descarta hipóteses básicas do pensamento econômico convencional<sup>4</sup>. Neste sentido, identificam-se alguns fatores econômicos de importância para se entender o processo produtivo, para além da análise dos fatores de produção (trabalho e capital) e de sua

---

<sup>3</sup> Para a escola evolucionista, por sua vez, as empresas possuem um conjunto de capacidades e de competências que se modificam ao longo do tempo, tanto pelos seus esforços na solução de problemas quanto em função de eventos inesperados que impulsionam a mudança. Assim, a teoria das capacidades dinâmicas da firma, como proposta em Teece, Pisano e Shuen (1997), citados por Bronzo e Honório (2005, p. 6) “integra-se à abordagem da teoria dos custos de transação, estabelecendo suas raízes em diferentes referências, como as de Schumpeter (1911), Penrose (1959), Williamson (1975), Nelson e Winter (1982), Prahalad e Hamel (1990)”.

<sup>4</sup> Tigre (2005) argumenta que existem três princípios que se destacam para o entendimento da teoria neoclássica, o primeiro é que “a dinâmica econômica é baseada em inovações em produtos, processos e nas formas de organização da produção” (p. 17), o segundo “descarta a idéia de racionalidade invariante (ou substantiva) dos agentes econômicos” (p. 18), e o terceiro refere-se “à propriedade de auto-organização da firma, como resultado das flutuações do mercado” (p. 18).

produtividade. O tamanho da firma, o emprego da tecnologia e o modo como elas se organizam definem os processos organizacionais.

As pequenas empresas no mundo atual são de grande importância, estão em grande concentração e são responsáveis por grande parcela dos empregos, uma grande vantagem que possuem é serem menos sensíveis às crises financeiras. Torrès e Julien (2005), citados por Souza e Mazzali (2008, p 593) identificam na literatura anglo-saxônica uma espécie de “paradigma orientador da pesquisa em pequenas empresas”, denominado por eles como “a tese da especificidade gerencial”. Nesse paradigma, o pequeno negócio é considerado uma entidade específica, com distinções das grandes empresas, com destaque para: “estrutura administrativa centralizada; estratégias intuitivas e de curto prazo; baixa especialização; simplicidade e informalidade do sistema de informação e atuação em mercados locais” (SOUZA, MAZZALI, 2008, p. 593). A existência continuada dessas empresas é explicada por alguns fatores, dentre eles “o fato de que o grande capital empresarial não brota do chão (sua oferta não é elástica); depende do crescimento do capital já existente. Assim, embora as pequenas empresas percam terreno continuamente, o processo é lento”. (STEINDL, 1945 apud SOUZA; MAZZALI, 2008 p. 594).

O crescimento econômico se dá hoje pela crescente inovação tecnológica. Souza (1995) ressalta que o processo de industrialização não se deu no mundo todo ao mesmo tempo, processo esse marcado pelos feitos tecnológicos da época que proporcionaram melhoria e eficácia nas condições de trabalho. A tecnologia vem sendo peça fundamental para o crescimento das empresas nos mais diversos setores da economia, o que não é diferente para as indústrias de moda íntima. A tecnologia representa a capacidade de combinação de recursos para se produzir. A tecnologia torna o processo de industrialização e produção mais eficaz, conseqüentemente os produtos são de melhor qualidade, produzidos em maior quantidade reduzindo os custos, e assim, o preço final (PEREIRA; DATHEIN, 2011).

Dunning (2007) citado por Pereira e Dathein (2011, p.10), comenta que a velocidade com que as transformações ocorrem é responsável pelo aceleração do processo de aprendizagem, tanto dos indivíduos como das instituições, o que leva à redução de custos e tempo de mudanças. Segundo Enderle et al. (2005), as micro e pequenas empresas (MPEs) têm sua importância reconhecida no processo de acumulação de capital, porém, se faz necessário uma discussão acerca de como essas empresas podem auferir ganhos maiores e se tornarem mais competitivas. A aglomeração de empresas de uma determinada atividade tem sido uma forma encontrada para encarar tal situação.

Nos moldes marshallianos, como comentam Enderle et al. (2005, p. 237), a especialização causada pela aglomeração de indústrias num eixo comum possibilita às empresas eficiência organizacional, onde recursos são compartilhados entre as mesmas, proporcionando o desenvolvimento da indústria local. Normalmente a criação dos distritos indústrias se dá devido a fatores geográficos. Enderle et al. explicam que “as evidências indicam que não é o tamanho das pequenas empresas o que as prejudica, mas, sim, o fato de que essas empresas costumam operar sozinhas em ambientes cada vez mais competitivos”. (2005, p.237). Para estas aglomerações o determinante é a capacidade de alcançarem altos patamares de competitividade, esta, baseada na capacidade de gerar inovações (CASSIOLATO; LASTRES, 2003).

### 3 SETOR INDUSTRIAL E A PRODUÇÃO DE LINGERIE NO BRASIL

A Indústria Têxtil e do Vestuário é uma das indústrias com grande representatividade na estrutura industrial nacional e possui um papel importante em termos de emprego e peso na economia nacional. De acordo com Vasconcelos (2006), com o fim das restrições quantitativas à entrada de produtos têxteis, a forte pressão competitiva criada pelas economias de mão-de-obra barata, a mudança no paradigma econômico, a modificação acelerada das preferências dos consumidores e a evolução da tecnologia, exige-se das empresas têxteis e do vestuário um novo grau de capacidade concorrencial e de flexibilidade tanto dos produtos, como dos processos produtivos e estruturas de gestão. O autor, ainda, destaca que a dinâmica da indústria é dada pelo mercado final onde a indústria de confecções aparece em destaque nos últimos anos. A competitividade do setor está intimamente relacionada com a eficiência verificada em cada um dos elos da cadeia produtiva e a qualidade final dos produtos está relacionada com a qualidade obtida em cada etapa. O setor caracteriza-se por incorporar tecnologia desenvolvida por outros setores, ou seja, os avanços tecnológicos no processo produtivo provêm dos avanços ocorridos na produção das matérias-primas e nas máquinas e equipamentos. As empresas são dependentes de investimento em modernização para aumentar a eficácia das operações industriais, reduzir os custos e assegurar a competitividade (VASCONCELOS, 2006). O setor têxtil e de confecções caracteriza-se por utilizar o fator capital de forma intensiva recorrendo a sistemas cada vez mais automatizados e de elevada tecnologia, porém, não podendo deixar de lado o fator trabalho para as operações que necessitam deste fator importante para o setor de modo geral.

Coutinho e Ferraz (1993) destacam que o Brasil, devido ao processo de substituição de importações, foi o único país, além da Coreia, a ter capacidade produtiva em máquinas e

equipamentos ao setor têxtil. Os principais produtores se encontram em países industrializados, onde o ambiente é competitivo, sendo necessária a inovação para se manterem no mercado. De acordo com Simon e Carvalho (2009), o Brasil apresenta aglomerações setoriais importantes da indústria de confecção, sendo que, atualmente, as regiões Sul e Sudeste do país correspondem a 80% de toda a produção da indústria de confecção nacional.

O aparecimento das indústrias de lingerie no Brasil teve seu início por volta do final da década de 1960, quando uma grande empresa de tecelagem de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, foi vendida para uma multinacional que deu início ao processo de fabricação de lingerie (O PÓLO..., 2011). Nos anos 1970, o país enfrentou forte crise econômica e muitas costureiras desta fábrica tiveram que ser demitidas, passando, a partir deste momento, a confeccionarem as peças em suas próprias casas, o que, por consequência, ocasionou o aparecimento de micro e pequenas empresas que se tornaram responsáveis pelo crescimento do setor na região (O PÓLO..., 2011). Já no ano de 1997, de acordo com a mesma fonte, foi criado o Pólo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região, o qual surgiu por meio de estudos sobre os Arranjos Produtivos Locais (APLs) para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Este projeto tem como objetivo capacitar os confeccionistas para que sejam competitivos tanto a nível nacional como internacional.

Hoje, diversas regiões do país desenvolvem esta atividade, fortalecendo-a diante do mercado internacional e gerando empregos e renda, o que influencia diretamente nos resultados em nível de país. O estado do Rio de Janeiro, mais precisamente, Nova Friburgo, segue líder no ramo de confecção de lingerie no país. O pólo conta com cerca de 900 indústrias, gera mais de 20 mil postos de trabalho, diretos e indiretos, e tem um faturamento anual por volta de R\$ 600 milhões (O PÓLO..., 2011). Diversas localidades do país estão em forte crescimento na área, a região Nordeste brasileira já é considerada uma potência e, na serra gaúcha, o município de Guaporé ganha a segunda colocação em nível de país neste setor.

O setor passou por diversas transformações no ambiente produtivo o que estabeleceu uma nova cultura. Essas transformações implicaram em mudanças na relação com a mão-de-obra, de forma a ampliar sua participação e envolvimento no processo de trabalho (COUTINHO; FERRAZ, 1993). Os mesmos autores destacam que este setor possui diversas limitações, ligadas à qualidade, onde a mesma só é observada no produto final, não passa por todos os processos de produção. Isso pode ocorrer devido à baixa participação das

exportações na produção total, tendo baixa interação com os mercados externos, normalmente mais exigentes, a evolução acontece de maneira retraída.

O processo informal também ganha destaque neste setor, o qual contribui para a desarticulação da capacitação tecnológica, humana e gerencial das indústrias. Para Cacciamalli (1983) este setor é eficiente e lucrativo, mesmo tendo produção em menor escala e baixa inserção de tecnologia. Existe uma contínua diferenciação das atividades econômicas, e da organização da produção e do trabalho, da qualificação e do processo produtivo, o que significa “um processo de diferenciação de estrutura produtiva e dos atributos dos trabalhadores” (CACCIAMALI, 1983, p. 12).

A concentração regional sugere a formação de pólos industriais. Isso faz com que a modernização tecnológica e gerencial das MPEs se promova. Para estas empresas, a atuação individual tende a dificultar o acesso à informações de mercado e tendências, e fontes competitivas de fornecimento de matéria-prima (COUTINHO; FERRAZ, 1993).

No setor têxtil muitas são as tecnologias que podem ser inseridas no intuito de aperfeiçoar a produção de lingerie, sejam elas nos insumos e principalmente no maquinário e acessórios que envolvem a produção das peças.

De acordo com notícia publicada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, [s.d.]), o setor têxtil no Brasil possui um dos maiores contingentes de maquinários instalados do mundo, mas isso, ao contrário do que parece, não significa que o país tenha grande representatividade nas exportações mundiais. Um estudo realizado pelo CGEE para a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) constatou que o setor precisa se adaptar à realidade da competitividade mundial para poder se manter e penetrar mais no mercado externo.

De acordo com Kon e Coan (2005), a partir da década de 1990, a indústria têxtil passa por uma reestruturação onde ocorre uma abertura comercial e se intensifica a tecnologia utilizada. Ano também em que começaram a surgir as indústrias de confecção de lingerie no município de Guaporé. Um dos impactos observados com a abertura comercial foi o aumento do consumo por parte da população de baixa renda. Muitas empresas de tecidos planos foram levadas a falência, principalmente pelas importações da Ásia. Ao mesmo passo, estas empresas foram substituídas por fábricas de malhas de algodão, as quais tinham um investimento menor e o produto se tornaria mais barato.

Segundo Hagenauer et al. (2001) citado por Kon e Coan (2005, p. 19), além de sua formação e evolução, a cadeia têxtil, por ser grande geradora de emprego e renda é protegida internacionalmente pela imposição de quotas quantitativas para os principais produtos, as

quais devem ser respeitadas por países exportadores, o que gera forte proteção aos mercados nacionais.

O setor têxtil passou por grande modernização, pois precisou informatizar o processo produtivo, o que resultou no aumento de produtividade e de capacidade de produção. Porém, esta modernização acabou afetando os empregos gerados pelo setor, causando diminuição dos mesmos.

## 4 MÉTODOS E TÉCNICAS

O estudo aplicado parte da orientação dedutiva, a qual tem por objetivo explicar o conteúdo das premissas (GIL, 2002). Em relação à sua complexidade, utiliza-se da pesquisa descritiva e segue a abordagem quantitativa. Como técnicas, baseia-se na pesquisa bibliográfica e na pesquisa de levantamento.

### 4.1 Referencial Teórico

Para atingir o objetivo do trabalho adota-se um esquema conceitual que utiliza os fatores básicos da teoria da firma (trabalho, capital, tecnologia e mercado) e amplia para novos conceitos da economia institucional (interação entre os agentes econômicos).

No fator trabalho é feita uma análise do fator dentro da empresa, identificando-se os colaboradores *chão-de-fábrica*, onde se encaixam os colaboradores de forma geral, e em *ciência e tecnologia*, que abrange o setor de criação e desenvolvimento do produto. O objetivo desta análise é identificar as diferenças entre os setores e avaliar de que forma as empresas utilizam esse fator. Para cada um dos setores são analisadas algumas variáveis de controle dos sujeitos amostrais, como o gênero, para identificar qual a predominância do setor, que, como visto na revisão de literatura, se constitui em sua maioria por mulheres, a escolaridade, a remuneração, a jornada de trabalho, variáveis que podem interferir na produção da empresa, entre outras, como a origem dos trabalhadores. Busca-se identificar se o município oferece a mão-de-obra necessária e suficiente para o grande número de empresas ou se a tendência é que estas empresas busquem pessoal fora do município. Além destas duas categorias, dentro da empresa, é necessário analisar se as empresas adotam serviços terceirizados para poder suprir o volume de produção e qual o impacto que este setor gera.

Outra categoria avaliada é o fator capital e inovação. Busca-se identificar como ocorre a tomada de decisão em nível de capital e de tecnologia. Ainda, examina-se se as empresas que recebem apoio de instituições e programas apresentam alguma alteração em sua

produção, como investimento em tecnologia, infra-estrutura de instalação, desenvolvimento do produto, pois nem todas as empresas possuem profissional específico para este setor.

Na sequência, estuda-se o mercado da confecção de lingerie no qual as empresas estão inseridas, identificando a origem dos insumos e o destino dos produtos, em termos de abrangência. Nesse aspecto, avalia-se a existência de ligações entre as empresas, como apoios institucionais e compras coletivas, direcionados normalmente à redução de custos, organizações de feiras, entre outras.

#### *4.2 Forma de Obtenção e Tratamento dos Dados*

A pesquisa de levantamento segue a amostragem probabilística e, em função da limitação do tempo para a pesquisa de campo, adota-se o erro tolerável de 10%. Fazem parte da população 91 empresas do setor de confecção de lingerie cadastradas na Prefeitura Municipal de Guaporé (RS), seguindo os critérios de planejamento e confiabilidade amostral, selecionadas aleatoriamente. O cálculo do tamanho mínimo da amostra com o ajuste para a população envolvida resultou em 48 empresas (BARBETTA, 2002). Para o levantamento das informações relativas ao modelo conceitual adotado, foi aplicado um formulário<sup>5</sup>, testado previamente, respondido pelo proprietário ou gestor das empresas selecionadas. Os mesmos foram consultados sobre a possibilidade em participar da pesquisa e sobre a confidencialidade das informações. Os dados coletados foram tabulados em planilhas do Software Excel e, após, tratados por meio do Software SPSS. Os resultados são apresentados por meio de estatística descritiva simples, como frequência absoluta e frequência relativa.

## **5 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A amostra selecionada foi composta por 48 empresas, às quais foi solicitado que os gestores respondessem ao formulário. Apenas duas empresas enquadram-se como de pequeno porte, o que corresponde a 4,2% do total da amostra, enquanto as demais são consideradas microempresas, representando 95,8% do total. Quanto ao enquadramento jurídico das empresas entrevistadas, 100% delas estão enquadradas como Sociedade Limitada. Em termos

---

<sup>5</sup> Conforme definição Lakatos e Marconi (2003): Formulário: é um roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado, este método permite que o entrevistador obtenha maiores informações junto ao entrevistado, facilitando com isso o entendimento das respostas e a interpretação dos resultados; Questionário: uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito, sem a presença do pesquisador, com o uso deste meio de coleta de dados o pesquisador corre o risco de não obter respostas qualificadas, causando danos à pesquisa.

do capital social das empresas, previsto em contrato, a maior frequência das respostas ocorreu na faixa entre 10 e 20 mil reais; a média de 47 respondentes é de aproximadamente 35.850 mil reais. Quanto à forma de gestão, 64,5 % delas é familiar (dois ou mais membros da mesma família). Quanto ao tempo de atuação no mercado, observa-se que, das empresas entrevistadas, empresas de um a quatro anos de existência representam 50,0% do total da amostra, o que comprova que, micro e pequenas empresas possuem uma taxa elevada de natalidade no mercado.

Em relação à participação das empresas no mercado, foi solicitado que os respondentes distribuíssem o montante de 100,0% para os mercados nos quais participam, no âmbito local, regional, nacional e internacional. Observa-se que apenas 12,5% das empresas não atuam no município, 27,1% destina-se totalmente ao mercado local. Quanto ao mercado regional, 90,0% não tem representatividade nenhuma, e no estado, esse índice chega a 60,0%. Em nível de país 45,0% das empresas não tem participação e o percentual de empresas com 40,0 a 50,0% de participação fica em torno de 27,0%. Internacionalmente a representatividade também é baixa, em torno de 90,0% das empresas não atuam no mercado internacional.

Para avaliar o tamanho da empresa e a demanda pelo fator trabalho, buscou-se estimar a quantidade média de funcionários nestas empresas. Constatou-se que a grande maioria delas possui no máximo dez funcionários e há predominância do gênero feminino. A média para todas as empresas é de 11,8 funcionários, sendo que uma pequena minoria possui até quarenta funcionários e apenas uma empresa possui mais de 100 funcionários. A participação da mulher neste setor, segundo relato dos gestores, é fundamental, tanto pela sua atuação, por ter certa tendência a trabalhar com isso, quanto pela sua criatividade e cuidado com os pequenos detalhes, os quais são de grande importância no resultado. A remuneração dos colaboradores, ocorre de maneira tradicional, não diferenciando funcionários pela habilidade e competência e não oferecendo participação nos resultados, o que é uma característica das micro e pequenas empresas.

### *5.1 Caracterização do gestor*

Um dos focos do estudo foi identificar as principais características do gestor destas empresas. Em relação ao nível de escolarização do gestor, percebe-se que em sua grande maioria, mais precisamente 72,9% dos 48 analisados, possuem segundo grau ou ensino médio completo, seguidos de 16,7% com ensino superior completo e 6,3% com ensino superior incompleto.

A idade média encontrada dos gestores foi de 36 anos, sendo que a idade mínima é de 21 anos e a máxima é de 54 anos. Em relação ao gênero, constatou-se que 67,0% são gestoras contra apenas 33,0% de gestores homens. É visível que além da mulher estar mais presente na produção do lingerie, sua representatividade frente a estas empresas também é maior.

Quadro 1– Distribuição da relação do gestor com o processo produtivo

Relação do gestor com o processo produtivo	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Participação centralizada: realização de tarefas múltiplas	37	77,1
Gestão parcialmente descentralizada	5	10,4
Gestão descentralizada com estrutura formal de cargos e funções	6	12,5
Total	48	100,0

Fonte: primária.

Buscou-se informações a respeito da participação do gestor no processo produtivo (Quadro 1), considerando que em micro e pequenas empresas é comum que o gestor participe de forma centralizada, atuando em diversos setores e realizando múltiplas tarefas. Identificou-se que 77,1% dos gestores participam de forma centralizada, ou seja, além de gerir é quem atua em nível comercial, atendendo fornecedores, clientes, realiza tarefas de banco, e inclusive diretamente no processo produtivo. Outros ainda têm sua participação parcialmente centralizada, estes correspondem a 10,4% da amostra e realizam atividades específicas dentro da empresa. Já 12,5% dos entrevistados relataram que a participação do gestor ocorre de forma descentralizada, ou seja, a empresa possui uma estrutura formal de cargos e funções, sendo assim, o gestor não participa de outras funções. Quando questionados quanto ao pró-labore ou remuneração, apenas 38 responderam, sendo que a média obtida foi de 1.523,68 reais, um valor que pode ser considerado baixo quando comparado com a remuneração média dos colaboradores.

## 5.2 Fator Trabalho

Um primeiro questionamento da pesquisa tratou do recrutamento e seleção de novos funcionários, pois, como identificado anteriormente, uma das características da MPEs é realizar internamente este processo, devido à necessidade de conhecer e identificar se a pessoa é qualificada para o posto e ainda se pode migrar para outros. Pode-se confirmar que as empresas da amostra são responsáveis por este processo, o recrutamento e seleção feitos internamente correspondem a 89,6%, contra apenas 10,4% que realizam de forma terceirizada. Quando questionados sobre a capacitação observada no ingresso de novos funcionários, constatou-se que a experiência ou prática anterior são o atributo mais desejável,

representando 66,7% da amostra. A falta de mão-de-obra faz com que a maioria das empresas não exija cursos ou treinamentos antes da contratação. Ter conhecimento ou já ter trabalhado anteriormente na área bastam para que ele seja contratado.

Para avaliar a divisão do trabalho no processo produtivo, foram indicadas como possíveis respostas as opções de realizada pelo gestor, acompanhada pelo gestor, controlada e avaliada pelo gestor e por fim, todas as alternativas. Observa-se que 56,3% responderam que realizam todas as alternativas, sua participação ocorre de maneira maciça; 22,9% responderam que a divisão do trabalho é controlada e avaliada pelo gestor, portanto, há quem o faça, o gestor avalia se é pertinente ou não, e 20,8% respondeu que a divisão é feita pelo gestor. Normalmente são os próprios gestores que realizam essa atividade por se tratarem, em sua maioria, de microempresas, onde ele é responsável por toda a parte administrativa e os demais funcionários participam diretamente no processo produtivo.

Conforme mencionado anteriormente, a análise do processo produtivo foi dividida em dois setores para uma melhor análise, sendo o primeiro o chão de fábrica, e o segundo criação e desenvolvimento do produto. Para o primeiro setor os dados obtidos estão relacionados a seguir.

Vê-se que o número de mulheres presentes nas atividades ligadas diretamente ao processo produtivo é mais alto em relação ao número de homens devido a sua tendência natural de realizar esta atividade: 47,9% das empresas não possuem funcionários homens ligados ao processo produtivo. Quando observado o número de mulheres, em 100,0% das empresas há sua participação, sendo que, das empresas entrevistadas, a menor participação é de duas mulheres. Em termos da origem do fator trabalho, constatou-se que cerca de 80,0% das empresas utiliza mão-de-obra local. A participação regional ou de outras localidades ainda é baixa, mas esse número já vem crescendo em razão da falta de mais mão-de-obra no município. No que se refere ao nível de escolarização destes funcionários ligados diretamente ao processo produtivo, identificou-se que em sua maioria, 64,6%, tem segundo grau ou ensino médio incompleto, seguido de 33,3% de colaboradores com segundo grau ou ensino médio completo; o primeiro grau ou ensino fundamental completo representou apenas 2,1% dos entrevistados. Já a remuneração média dos funcionários que atuam no chão de fábrica é de 796,00 reais, variando de em torno de 600,00 até quase 1.000,00 reais. O absenteísmo dos funcionários em micro e pequenas empresas pode afetar em muito a sua produção. Estas faltas muitas vezes são explicadas pelos atestados médicos. A frequência de atestados nas empresas em questão pode ser considerada baixa, pois, quando questionado sobre a ocorrência de

atestados no último ano, 62,5% responderam que não ocorreu a apresentação de nenhum atestado.

Além dos colaboradores ligados diretamente a produção do produto, outro setor de grande importância é o de criação e desenvolvimento do produto. Produtos inovadores, peças diferenciadas e acompanhando as tendências são o objetivo a ser alcançado pelos designers do produto. Algumas empresas possuem profissionais específicos para a tarefa dentro da própria empresa, já outras, contratam essa mão-de-obra terceirizada apenas para o desenvolvimento de suas coleções. Foi possível observar que, das empresas que responderam ao formulário, apenas uma possui funcionário do gênero masculino neste setor, ou seja, 2,1%, e que cinco, ou seja, em torno de 10,0%, possui mulheres. O baixo número de funcionários neste setor comprova que, para estas empresas, o custo de sua manutenção é elevado para esta área, normalmente contrata-se um terceiro para realizar esta tarefa. Observou-se que o nível de escolarização dos colaboradores da criação e desenvolvimento de produto é em sua maioria ensino superior completo.

### 5.3 Capital e Inovação

Foi discutido anteriormente que micro e pequenas empresas normalmente utilizam recursos próprios para integrar ao capital da empresa, isso porque o acesso ao crédito para elas é mais difícil, devido à alta taxa de natalidade e mortalidade das mesmas. Pode-se observar que, em sua maioria, os recursos correspondem em parte a recursos próprios e em parte a financiamento, o que representa 54,2%. Empresas que tem seu capital integralmente de financiamento bancário representam 25,0%; 20,8% são as que utilizaram apenas recursos próprios. De outra parte, analisando-se o tipo de instalação física das empresas, observa-se que estão instaladas em prédio próprio, cedido ou locado: 66,7% das empresas estão instaladas em prédio próprio, contra 33,3% em prédio locado. Para estas empresas, basicamente microempresas, estar instalada em prédio próprio reduz bastante seus gastos mensais.

Quadro 2 – Identificação do processo de confecção do produto

Processo de confecção do produto	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Totalmente feito na empresa	35	74,5
Parte feito na empresa, parte terceirizado	10	21,3
Outro	2	4,3
Total	47	100,0

Fonte: primária.

Quanto à confecção do produto (Quadro 2), observa-se que 74,5% respondeu que a produção é feita totalmente na empresa e 21,3% afirmou contratar serviço de terceiros para

uma parte da produção. A terceirização vem sendo utilizada por estas empresas para suprir a necessidade de aumento de produção. A competitividade é um fator que interfere diretamente nesta variável, pois para serem mais competitivas, precisam estar mais presentes no mercado, e uma das formas, é com um volume de produção elevado.

A capacitação tecnológica pode ser mensurada por meio de indicadores como, por exemplo, o investimento em máquinas e equipamentos. Quando questionados sobre o investimento em tecnologia, 87,5% responderam afirmativamente, sendo que, destas, 27,8% investiu 10 mil reais, poucas empresas investiram em mais de 100 mil reais, 5,6% apenas.

Buscou-se, ainda, identificar a representatividade no custo de produção de alguns fatores, como, matéria-prima, marketing, equipamentos e tecnologia, mão-de-obra, infraestrutura, desenvolvimento do produto e outros fatores. Com relação à participação da matéria-prima, nota-se que para 31,0% das empresas, este fator representa 30,0% de seus custos, seguido de 27,0% de empresas que indicam 50,0% de representatividade nos custos de produção; 4,2% não indicaram nenhuma quantidade percentual, e 4,2% indicaram 60,0% de representatividade. Em termos de marketing, evidenciou-se que 60,0% das empresas não atribui nenhum percentual de participação à empresa, seguida de 30,0% com 5,0% de participação, e 8,0% com representatividade de 10,0%. Já com relação aos equipamentos e tecnologia, 37,5% indicou nenhuma participação, seguida de 21,0% de empresas com 10,0% de participação nos custos. Em torno de 38,0% das empresas possuem de 15 a 30,0% de participação desse fator em seus custos de produção.

#### *5.4 Mercado*

No que diz respeito aos insumos utilizados na fabricação dos produtos, foram apresentadas algumas opções de origem para que, da mesma forma que os custos, fossem apresentados em percentual de significância. Quanto à proporção municipal, identificou-se que 17,0% das empresas não utilizam este recurso, e em média 20,0% adquirem os insumos em sua totalidade no município. As proporções variam de 10 a 90,0%. Quanto a proporção estadual, identificou-se que menos de 20,0% utiliza este recurso. A participação estadual é muito baixa.

O presente trabalho identificou anteriormente que nos arranjos setoriais normalmente ocorre cooperação entre as empresas, como compras conjuntas, visando minimização dos custos, organização de feiras e eventos, buscando maior concorrência nacional, entre outras. O que se identificou por meio da pesquisa de campo é que nas empresas entrevistadas desse setor essa cooperação não acontece: 77,0% das empresas não possuem nenhum tipo de

relação umas com as outras, e um número mínimo, em torno de 10,0% realiza compras conjuntas, e 10,0% planeja feiras de forma coletiva.

Algumas empresas apresentam linhas de produção alternativas à principal, como forma melhorar a concorrência com as demais. Ao perguntar se a empresa possuía linha alternativa, 75,0% das empresas respondeu que não possui e apenas 25,0% respondeu afirmativamente. Todas as empresas possuem sistema interno de controle de qualidade. A produção é destinada em média 71,0% para atacado e varejo. O restante das empresas destina sua produção apenas para o varejo. Nessa direção, as empresas entrevistadas responderam à pergunta sobre qual o foco principal da empresa observado no momento da oferta do produto. Preço e qualidade obtiveram 27,1% das respostas, e 20,8% disseram que ambos os quesitos são o foco. Em seguida, a diferenciação do produto possui maior relevância. Pode-se concluir com isso que 75,0% das empresas recaem seu foco principal para preço e/ou qualidade.

A produção média é de aproximadamente 600 peças. Algumas empresas que possuem número maior de funcionários acabam produzindo uma quantidade maior de peças. Mensalmente, em média, a produção é de 15.000 peças.

Sabe-se que as empresas em geral enfrentam diversas dificuldades em seu dia-a-dia, independente de localização ou porte, as dificuldades enfrentadas são diversas. Pode-se observar pela pesquisa que dois são os fatores que mais interferem nas empresas do setor de lingerie em Guaporé: a concorrência direta, com 31,3% lidera, seguida da falta de mão-de-obra, com 27,1%. Além destes, 14,6% dos entrevistados responderam que os dois pontos juntos interferem de forma expressiva no setor. A falta de profissionais no mercado afeta diretamente na produção das empresas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A emergência do segmento industrial de confecções de lingerie de Guaporé (RS) resultou da interação entre as condições locais e as mudanças ocorridas nos processos econômicos, históricos e sociais. Foi um processo espontâneo e involuntário de industrialização, que teve como base um conjunto de condições locais, nacionais e internacionais, tendo seu início em meio à abertura comercial ocorrida na década de 1990.

A pesquisa de campo permitiu evidenciar aspectos comuns a realidade da maior parte das micro e pequenas empresas do país. A média de funcionários registrados por empresa é 12, sendo que a moda atingida é de até 10 funcionários. Se analisado individualmente, pode-

se constatar que o número de empresas que possuem até quatro (4) funcionários é o mais encontrado. Destes, em sua maioria são mulheres, as quais predominam neste mercado.

Quanto às características que envolvem o gestor foi possível identificar que a maioria deles possui grau de escolarização médio, com o segundo grau ou ensino médio completo. A idade média observada foi de 35 anos. Quando analisado o gênero dos gestores, comprovou-se que cerca de dois terços são mulheres, o que mais uma vez comprova a importância da mulher na dinâmica produtiva local. A participação dos gestores na indústria é centralizada, ou seja, os gestores realizam múltiplas tarefas na empresa, participando inclusive do processo de produção, isso se dá devido ao número reduzido de funcionários encontrado nestas empresas.

O fator trabalho e sua estrutura é um dos pontos de maior importância observado. Foi possível identificar algumas características do setor em particular, como por exemplo, constatou-se que noventa por cento das empresas são responsáveis pelo recrutamento e seleção, ou seja, conhecer o profissional que está sendo selecionado. Identificou-se, também, que no momento em que a empresa escolhe seus novos funcionários, a capacidade observada é se o mesmo possui experiência ou prática anterior, ou seja, é preferível que o candidato já tenha atuado na área do que ele possua treinamento e qualificação. A divisão do trabalho recebe total participação do gestor, tanto para distribuição como para o acompanhamento da sua realização. A escolarização média dos funcionários das empresas pesquisadas é segundo grau ou ensino médio incompleto e a remuneração que recebem está na faixa de 795,00 reais. Observa-se que a terceirização tem sido um recurso utilizado por parte das empresas de maior parte.

Com relação às características ligadas ao capital e inovação, constatou-se que a fonte dos recursos das empresas vem de recursos próprios e financiamentos. Atenta-se aqui para a literatura que fala que o acesso ao crédito é dificultado para este tipo de empresa, por isso parte do recurso vêm do proprietário e isso pode explicar também o baixo valor investido, apresentado no capital social da empresa. A maioria das empresas está instalada em prédio próprio, isso se torna possível pela escala reduzida de produção. Quanto aos custos de produção, a mão-de-obra é sinalizada como a principal. Constatou-se que, em sua maioria, os insumos de produção são adquiridos no próprio município, o que mostra que o setor desdobra outras atividades que se relacionam entre si, como o comércio de tecidos e aviamentos.

Um ponto importante, que diverge de questões apresentadas na literatura recente, diz respeito à relação entre as empresas do setor pesquisado. A presença de formas de interação e de cooperação, que caracterizariam um aglomerado industrial, sobretudo se composto por

micro e pequenas empresas, não foi evidenciada. Acredita-se que isso possa ocorrer devido à forte concorrência enfrentada por elas, já que atuam tanto para atacado como para varejo, o mercado é o mesmo, além da própria restrição em termos de mão-de-obra especializada.

As evidências apontadas corroboram para o conhecimento das diversas micro e pequenas empresas que compõe o setor de confecção têxtil do país e sinalizam a importância de se aprofundar estudos no sentido de ampliar as possibilidades de cooperação entre as empresas, buscando mecanismos de fortalecimento do setor no mercado.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO - ABIT. *Economia*. São Paulo, 2011. Disponível em:

[http://www.abit.org.br/site/navegacao.asp?id\\_menu=8&id\\_sub=23&idioma=PT](http://www.abit.org.br/site/navegacao.asp?id_menu=8&id_sub=23&idioma=PT) Acesso em 12 ago. 2011.

BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 5. ed. Florianópolis: Ed. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

BRONZO, Marcelo; HONÓRIO, Luiz. O institucionalismo e a abordagem das interações estratégicas da firma. *RAE Eletrônica*, FGV, São Paulo, v.4, n. 1, São Paulo, 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v4n1/v4n1a08.pdf> Acesso em 19 nov. 2011.

CACCIAMALI, Maria Cristina. *Setor Informal Urbano e Formas de Participação na Produção*. Doutorado em Teoria Econômica (Tese). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. – São Paulo: Ed. IPE, *Série Ensaios Econômicos*, n.26, 1983. Disponível em:

[http://www.econ.fea.usp.br/cacciamali/setor\\_informal\\_urbano\\_e\\_formas\\_de\\_participacao\\_na\\_producao\\_3-6.pdf](http://www.econ.fea.usp.br/cacciamali/setor_informal_urbano_e_formas_de_participacao_na_producao_3-6.pdf) Acesso em 23 set. 2011.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. *Setor têxtil e de confecções deve investir em gestão*. Disponível em:

[http://www.cgee.org.br/noticias/viewBoletim.php?in\\_news=749&boletim=](http://www.cgee.org.br/noticias/viewBoletim.php?in_news=749&boletim=) Acesso em 8 jun. 2011.

COUTINHO, Luciano G.; FERRAZ, João Carlos (Coord.). *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: Competitividade do Complexo Têxtil*. Campinas: Ministério da Ciência e Tecnologia – MTC/Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP/Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – PADCT, 1993. Disponível em:

[www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=148772](http://www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=148772) Acesso em: 27 nov. 2011.

ENDERLE; Rogério; et al. A gênese da organização industrial localizada e seu papel contemporâneo na inserção das micro e pequenas empresas. *Revista de Negócios*, FURB, v. 10, n. 4, 2005. Disponível em <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/rn/article/viewArticle/240>. Acesso em 12 out. 2011.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). *PIB Municipal RS 2008*. Disponível em:

[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg\\_pib\\_municipal\\_destaque.php](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_pib_municipal_destaque.php)  
Acesso em 23 ago 2011.

GARCIA, Cláudia. *A História das Roupas de Baixo Femininas*. Disponível em:  
<http://almanaque.folha.uol.com.br/lingerie.htm> Acesso em 24 abr. 2011.

GHIDIN, Marilise Fátima. *Estudo Sobre Controle da Qualidade no Processo Produtivo do Lingerie*. Disponível em: <http://www.modavestuario.com/mariliseghidin.pdf> Acesso em 22 abr. 2011.

GORINI, Ana Paula Fontenelle; MARTINS, Renato Francisco. Novas tecnologias e organização do trabalho no setor têxtil: uma avaliação do Programa de financiamentos do x. *Revista BNDES*, n.10, dez. 1998. Disponível em:  
[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev1011.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev1011.pdf) Acesso em 20 set. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E CIÊNCIA (IBGE). *IBGE Cidades*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=430940>  
Acesso em 08 nov. 2011.

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL; CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA – CNA; SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. *Análise da eficiência econômica e da competitividade da cadeia têxtil brasileira*. Brasília: Instituto Estadual do Livro, 2000.

INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL - IEMI. *Estudo do Mercado Potencial* – 2011. Disponível em: <http://www.iemi.com.br/biblioteca/estudos-do-mercado-potencial/moda-intima/> Acesso em 20 out. 2011.

KÖHLER, Carl. *História do Vestuário*. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.

KON, Anita; COAN, Durval Calegari. Transformações na indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. *Revista de Economia Mackenzie*, v. 3, n. 3 p, 11-34, 2005. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/rem/article/viewFile/774/461>  
Acesso em 15 out. 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDES, René; CAMPOS, Ana Cristina Castro. Saúde e Segurança no Trabalho Informal: Desafios e Oportunidades para a Indústria Brasileira. *Revista Brasileira de Medicina no Trabalho*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 209-223, jul./set.- 2004. Disponível em:  
[http://sstmpe.fundacentro.gov.br/Anexo/SST\\_no\\_trabalho\\_informal.pdf](http://sstmpe.fundacentro.gov.br/Anexo/SST_no_trabalho_informal.pdf) Acesso em: 23 set. 2011.

NOGUEIRA, Antonio Carlos Lima. *Conhecimento nas Organizações: evolução das abordagens econômicas*, 2001. Disponível em: <http://pensa.org.br/artigos-congressos/conhecimento-nas-organizacaoes-evolucao-das-abordagens-economicas/> Acesso em 1 nov. 2011.

PEREIRA, Adriano José; DATHEIN, Ricardo. Processo de aprendizado, acumulação de conhecimento e sistemas de inovação: A “co-evolução das tecnologias físicas e sociais” como

fonte de desenvolvimento econômico. In: Encontro de Economia da Região Sul – ANPEC SUL, 14, Florianópolis, 2011. *Anais...* Disponível em: <http://www.anpecsul2011.ufsc.br/?go=artigos> Acesso em 6 set. 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SECRETARIA MUNICIPAL DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO - SMIC. *Dados do Município de Guaporé* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por [smic@guapore.rs.gov.br](mailto:smic@guapore.rs.gov.br) em 18 abr. 2011.

SIMON, Kátia Conceição; CARVALHO JUNIOR, Luiz Carlos de. *Estratégias Competitivas das Empresas de Confeção de Criciúma – SC*. Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Economia%20291739> Acesso em: 14 jun. 2011.

SOUZA, Maria Carolina de Azevedo Ferreira de; MAZZALI, Leonel. Conceito e espaço da pequena empresa na estrutura industrial: heterogeneidade e formas de inserção. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 15, n. 3, p. 591-603, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v15n3/12.pdf> Acesso em 18 nov. 2011.

TIGRE, Paulo Bastos. Paradigmas Tecnológicos e Teorias Econômicas da Firma. *Revista Brasileira de Inovação*, v. 4, n. 1, 2005. Disponível em [http://www.finep.gov.br/revista\\_brasileira\\_inovacao/setima\\_edicao/paradigmas.pdf](http://www.finep.gov.br/revista_brasileira_inovacao/setima_edicao/paradigmas.pdf) Acesso em 7 jun 2011.

VALLE, Marcelo Gonçalves do; BONACELLI, Maria Beatriz Machado; SALLES FILHO, Sérgio Luiz Monteiro. Aportes da Economia Evolucionista e da Nova Economia Institucional na Constituição de Arranjos Institucionais de Pesquisa. In: Simpósio de Gestão e Inovação Tecnológica, 22, Salvador, 2002. *Anais...* Disponível em <http://www.ige.unicamp.br/geopi/documentos/22809619.pdf> Acesso em 18 nov. 2011.

VASCONCELOS, Eva. *Análise da Indústria Têxtil e do Vestuário*. Universidade do Minho, Portugal, 2006. Disponível em <http://foreigners.textovirtual.com/edit-value/analise-da-industria-textil-do-vestuario.pdf> Acesso em 2 ago. 2011.